

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE SUL DE MINAS – UNIS/MG
JORNALISMO
GABRIELA LUCIANO OSÓRIO

**MULHERES DO CAFÉ: percepções sobre o crescimento das mulheres no agronegócio
café**

Varginha
2019

GABRIELA LUCIANO OSÓRIO

**MULHERES DO CAFÉ: percepções sobre o crescimento das mulheres no agronegócio
café**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel, sob orientação do Prof. Dr. Lúcio Caldeira.

**Varginha
2019**

GABRIELA LUCIANO OSÓRIO

**MULHERES DO CAFÉ: percepções sobre o crescimento das mulheres no agronegócio
café**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG, como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo pela Banca Examinadora composta pelos membros:

Aprovado em / /

Prof. Dr. Lúcio Garcia Caldeira

Prof. Marco Antônio da Silva Leite

Prof. Ms. Gisele Cristina Nishiyama

Dedico esse trabalho especialmente à todas as
mulheres ligadas à cafeicultura brasileira.

AGRADECIMENTOS

À minha família que sempre acreditou em mim.
Aos meus amigos e colegas de trabalho que me ajudaram e me incentivaram durante esses anos de faculdade.

“Eu nunca me considerei feminista, mas não acredito que se possa ser mulher nesse mundo e não ser uma.” Oprah Winfrey

RESUMO

A participação das mulheres está aumentando cada vez mais no agronegócio café, tanto na lavoura quanto nas diferentes atividades do ramo, tais como, na gestão em propriedades, degustação e classificação, agronomia, pesquisa, barismo e na participação ativa em cooperativas e associações. Dentro deste contexto, esta monografia tem como objetivo verificar como as mulheres ligadas ao café percebem o crescimento feminino nos vários setores deste segmento. Para essa análise, foram feitas entrevistas com sete mulheres de diferentes áreas da cafeicultura de Varginha. Os nomes das entrevistadas não são divulgados devido acordo prévio. As entrevistas buscaram entender de perto a realidade de mulheres que vivem nesse mercado em que a maioria dos cargos ainda são ocupados por homens. Foi observado que as entrevistadas encontram algumas dificuldades em seus postos de trabalho por serem mulheres, mas que de acordo com as mesmas, as diferenças estão diminuindo ao passar dos anos. Também foi possível perceber um aumento importante no destaque da mulher na cafeicultura através de associações que buscam mostrar o trabalho feminino na lavoura e que ressaltam suas contribuições no desenvolvimento e na qualidade do café. Consequentemente, as mulheres que não são produtoras também tiveram um aumento na visibilidade e valorização profissional nos últimos anos, mesmo com muitos obstáculos que ainda encontram no mercado.

Palavras-chave: Cafeicultura. Mulheres. Agronegócio. Gênero.

ABSTRACT

The participation of women is increasing in coffee agribusiness, both in the field and in the different activities of the branch, such as, property management, tasting and classification, agronomy, research, barism and active participation in cooperatives and associations. Within this context, this monograph aims to verify how women linked to coffee perceive female growth in the various sectors of this segment. For this analysis, interviews were conducted with seven women from different areas of Varginha coffee growing. The names of the interviewees are not disclosed due prior agreement. The interviews sought to closely understand the reality of women living in this market where most positions are still held by men. It was observed that the interviewees find some difficulties in their jobs because they are women, but according to them, the differences are narrowing over the years. It was also possible to notice an important increase in women's prominence in coffee growing through associations that seek to show women's work in the field and highlight their contributions to coffee development and quality. Consequently, women who are not producers have also had an increase in professional visibility and appreciation in recent years, even with many obstacles still in the market.

Keywords: *Coffee culture. Women. Agribusiness. Gender.*

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados pessoais das entrevistadas	20
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIC – Associação Brasileira da Indústria de Café

AMECAFÉ - Associação de Mulheres Empreendedoras de Café

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IWCA – International Women's Coffee Alliance

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

OIT – Organização Internacional do Trabalho

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

TPFT - Taxa de Participação Feminina na Força de Trabalho

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	O Café no Brasil	14
2.2	A mulher no mercado de trabalho.....	15
2.3	A mulher no sistema agroindustrial do café.....	16
3	MATERIAS E MÉTODOS	20
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO	22
4.1	Dados pessoais	22
4.2	Primeiro contato com a cafeicultura	22
4.3	Vida profissional versus vida pessoal	24
4.4	Questões de gênero e dificuldades no setor.....	27
4.5	O papel das Associações na participação da mulher no agronegócio café	29
4.6	Expectativas para o futuro	30
5	UMA SÍNTESE SOBRE AS MULHERES DO CAFÉ: a visão da autora	33
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	37
	ANEXO OU APÊNDICES.....	40

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo verificar como as mulheres do café percebem o crescimento feminino no mundo da cafeicultura, além de mostrar que, mesmo com a desigualdade de gênero, estão ocupando postos de trabalho que anteriormente eram exclusivamente ocupados por homens.

Tal abordagem fez-se necessária, afinal, em meio a tantas dificuldades enfrentadas por essas mulheres, elas ainda se encontram perseverantes, acreditam no que fazem e, principalmente, acreditam no seu potencial. Após pesquisas em livros e na internet, foi possível perceber que antigamente que a presença das mulheres não era registrada em documentos relacionados à cafeicultura brasileira. Antes eram enxergadas apenas coadjuvantes, e agora passaram a atuar, também, como papel principal, desde o operacional até a gestão de uma propriedade ou uma empresa.

A ausência de mulheres nas mesas de abertura de simpósios, conferências e seminários sobre café ou nas diretorias das cooperativas e sindicatos rurais ou, ainda representando o País no exterior, pode levar a uma conclusão – precipitada e errônea – de que, no Brasil, as mulheres não desempenham um papel relevante nesse setor, o qual foi responsável pela industrialização do País no início do século XX. (MACIEIRA, 2017, p.13)

É importante ressaltar que a contribuição das mulheres ao longo da história tem sido fundamental, tanto na formação da lavoura, colheita, pós-colheita, quanto na pesquisa, gestão em cooperativas, barismo e outros setores do agronegócio café brasileiro.

Este trabalho verifica através das percepções das entrevistadas, sendo elas de diferentes áreas da cafeicultura, como é o dia-a-dia de uma mulher que trabalha no agronegócio café, além de entender como encaram as questões de gêneros, suas dificuldades no dia-a-dia, suas opiniões em relação ao papel das associações de mulheres do café e, para finalizar, suas expectativas para o futuro.

Inicialmente este trabalho fala sobre a atual situação da cafeicultura no Brasil através de pesquisas de instituições ligadas ao agronegócio. Em seguida é verificado o crescimento da mulher no mercado de trabalho mais especificamente no segmento café, mostrando estatisticamente o aumento da presença da mulher em postos de trabalhos antes totalmente masculinos. No terceiro tópico foi explanado de maneira técnica com quais materiais se trabalhou e quais metodologias foram usadas para elaborar a análise qualitativa, afim de estudar os casos específicos e descobrir como as entrevistadas pensam ou se sentem de forma mais

detalhada. No quarto tópico, em “Análises e discussão”, se encontram os estudos e os perfis traçados das entrevistadas e suas percepções, finalizando com uma visão da autora deste trabalho no quinto tópico.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Café no Brasil

O Brasil é o maior produtor e exportador de café e segundo maior consumidor de bebida no mundo. Atualmente a produção da espécie arábica está concentrada nos Estados de Minas Gerais, como maior produtor, seguido por São Paulo, Espírito Santo e Bahia. Esses quatro estados concentram 85% da produção nacional dessa espécie. O conilon é cultivado principalmente no Espírito Santo, Bahia e Rondônia, concentrando 95% da produção nacional. CONAB, 06/2018.

Ao longo de toda a sua história, desde 1727, momento de sua chegada ao País, o café tem sido o produto que tem coparticipado da história do desenvolvimento do Brasil. Desempenhando o papel de indicador da riqueza do País, as divisas produzidas pela cafeicultura aceleraram o desenvolvimento do País e o inseriram no comércio internacional. (FERREIRA et al, 2017, p.20)

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento aponta que, atualmente, o café é relevante fonte de receita para centenas de municípios, além de ser um importante setor na criação de postos de trabalho na agropecuária nacional. Os expressivos desempenhos da exportação e do consumo interno conferem sustentabilidade econômica ao produtor e sua atividade. A cadeia produtiva de café é responsável pela geração de mais de 8 milhões de empregos no País, proporcionando renda, acesso à saúde e à educação para os trabalhadores e suas famílias. Em algumas regiões cafeeiras, programas de inclusão digital capacitam jovens e adultos, ensinando noções básicas de computação e acesso à internet.

Para o Conselho dos Exportadores de Café do Brasil - CECAFE, grande parte do café aqui produzido tende a atender o mercado externo, e os principais compradores são os Estados Unidos, que superou a Alemanha nos últimos 2 anos, Itália, Japão e Bélgica. Entre janeiro e dezembro de 2017 os EUA importaram cerca de 6.125.635 milhões de sacas de café arábica de 60 kg seguidos pela Alemanha com 5.524.829 milhões de sacas e Itália com 2.781.300 milhões de sacas.

O café tem sido fundamental para a segurança econômica de Minas e o aumento da safra reflete em impacto social importante do ponto de vista da geração de empregos. Os dados preliminares do Censo Agropecuária de 2017, apresentados recentemente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram aumento de 13,9% do número de propriedades dedicadas à produção cafeeira no estado, de 120 mil. Do campo até o momento

de embarque ao exterior, a cultura responde por mais de 8,4 milhões de empregos. Minas exportou, em 2017, 83,5% dos cafés produzidos no estado, sobretudo café verde cru, com receita de US\$ 3,5 bilhões. Os principais mercados compradores foram Alemanha, Estados Unidos e Itália.

2.2 A mulher no mercado de trabalho

O papel ocupado pela mulher no mercado de trabalho nunca foi de tanto destaque, mas ainda não são motivos para comemorar. Ao longo das últimas décadas, foi possível perceber sinais de progresso em termos de igualdade de gênero no mercado de trabalho, mas, ainda assim, permanece uma grande diferença entre homens e mulheres em termos de oportunidade e qualidade de emprego. Apesar do cenário complexo e desigual, as mulheres têm lutado para conseguir seu espaço. “Qual a importância da mulher na sociedade? Até o final do século XVIII, essa era uma pergunta fácil de ser respondida: a mulher tinha o seu lugar no âmbito do lar, cuidando da família, sem seus direitos assegurados” (FERREIRA et al., 2017).

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho - OIT, embora a presença da mulher no mercado de trabalho tenha aumentado significativamente, foram em maior medida no “trabalho em período parcial, informalidade, emprego esporádico e autoemprego” (AFP, 2019).

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) revelam que entre 2002 e 2015 a Taxa de Participação Feminina na Força de Trabalho (TPFT) cresceu aproximadamente 3 pontos percentuais, chegando a 40% em 2015. A presença feminina vem aumentando ao longo dos anos (CEPEA, 2018).

Mesmo com esse crescimento, uma parte das mulheres ainda tem que passar por dificuldades que muitos homens não encontram, tais como o equilíbrio entre atividades domésticas versus o emprego fora de casa e diferença salarial. Mesmo com desafios maiores, grande parte dessas mulheres, batalham diariamente para manter ou até mesmo criar seu espaço nas empresas.

É importante considerar o papel da mulher ao longo da história, na luta pela igualdade de direitos, com a necessidade de realizar uma jornada dupla de trabalho, que contempla os afazeres domésticos e as atividades profissionais exercidas no mercado. (FERREIRA et al, 2017. p.21)

Ainda de acordo com a OIT, “As mulheres ganham por hora trabalhada 17% a menos do que os homens e, apesar do aumento da participação feminina no mercado de trabalho, ainda estão longe da equidade.” (OIT Brasília, 2019)

Dados do censo demográfico do IBGE mostram que, em 1950, apenas 13,6% das mulheres eram economicamente ativas. No mesmo período, o índice dos homens chegava a 80,8%. Sessenta anos depois, os dados de 2010 mostraram que a participação feminina mais que triplicou, passando para 49,9%. Entre os homens, por outro lado, o dado caiu para 67,1%. Ao longo das últimas décadas, foi possível perceber sinais de progresso em termos de igualdade de gênero no mercado de trabalho.

2.3 A mulher no sistema agroindustrial do café

Historicamente, o trabalho realizado por mulheres era visto como invisível perante a sociedade e, muitas vezes, além do trabalho destinado à família e a casa, elas “ajudavam” os maridos com as atividades no campo. As mulheres conquistaram bastante espaço no mercado de trabalho, porém ainda falta muito para que a igualdade de gênero seja, de fato, conquistada.

O agronegócio historicamente apresenta um maior envolvimento de homens apesar de sempre ter existido a participação de mulheres nessa área. Contudo, as mulheres do agronegócio têm buscado seu espaço, procuram se profissionalizar, têm uma visão holística do campo e buscam o reconhecimento do seu trabalho, que antigamente era invisível perante a sociedade.

Ao fazer um regaste histórico sobre como era a organização do trabalho da economia sabe-se, apesar dessa atual maior inserção da mulher no agronegócio, esse setor ainda é bastante masculinizado, sendo que, mais de 65% dos postos de trabalho desse segmento é ocupada por homens. Além disso, os salários recebidos pelas mulheres são desiguais em relação aos recebidos pelos homens. As mulheres recebem cerca de 78,3% do que é pago aos homens, de acordo com o Centro de Estudos do Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (SOUZA, 2017).

Os homens são destinados prioritariamente às atividades vinculadas à esfera produtiva, enquanto as mulheres à esfera reprodutiva, e ao mesmo tempo em que há uma maior valorização do trabalho masculino e eles exercem as atividades de maior valor agregado (DI SABBATO et al., 2009, p. 18).

Uma pesquisa encomendada pela Associação Brasileira do Agronegócio (Abag) intitulada “Todas as Mulheres do Agronegócio” traçou o perfil dessas produtoras e o importante papel que têm desempenhado para a safra agrícola no Brasil. Em relação ao local onde atuam: 49,5% em minifúndios; 26,1% em pequenas propriedades; 13,5% em médias propriedades; 10,9% em grandes propriedades. Quanto ao tipo de trabalho: 73% atuam dentro da fazenda; 3,7% trabalham em cooperativas; 3,4% no setor de insumos agrícolas; 9,3% desempenham

funções relacionadas ao fornecimento de serviços e produtos, comércio, governo e outros relacionados a atividades da agroindústria.

Segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), as mulheres já são um terço dos trabalhadores do agronegócio. O número inclui pesquisadoras, funcionárias de empresas de insumos e quem está no dia a dia do campo. Dados do IBGE revelam que as mulheres do campo são responsáveis por quase a metade da renda familiar rural, com 42,4%. Elas estão tomando decisões e se responsabilizando pela gestão e administração do negócio. Segundo Vinhas (2016), de 1991 a 1998, apenas 1% das propriedades rurais tinha uma mulher como responsável pela tomada de decisões. Atualmente, esse porcentual chega a 10%. O perfil de quem atua no segmento agropecuário vem evoluindo com o passar dos anos. Atualmente, homens e mulheres exercem atividades semelhantes no dia a dia na agricultura e pecuária.

É possível constatar grande visibilidade de estudos sociais e históricos sobre a atuação das mulheres no sistema agroindustrial do café no Brasil. O País carece de dados de pesquisa com a perspectiva de gênero no setor cafeeiro, em todas as suas etapas.

Dentro do contexto de produção de café, essa atividade ainda é considerada por muitos como exercidas principalmente por mão de obra masculina. Na verdade, uma parcela significativa da mão de obra do setor cafeeiro é feminina, e as mulheres necessitam ganhar seu espaço e reconhecimento no mercado. A história demonstra que a conquista do reconhecimento do trabalho feminino tem sido árdua, mas gratificante. (FERREIRA et al, 2017, p.20)

Na cafeicultura brasileira, mais da metade da participação da mulher se concentra no setor de produção e menos de 7% delas ocupam cargos de chefia ou de gestão nas propriedades.

Relatórios internacionais não citaram a presença da mulher na cafeicultura brasileira e líderes de organizações do mercado são, em sua maioria, homens. Essa realidade, porém, está mudando gradativamente não somente no Brasil, mas também em outros países produtores. Elas estão se organizando em cooperativas, associações e estão fazendo alianças para se qualificarem e aumentarem suas redes comerciais.

Dentro do contexto de produção de café, essa atividade ainda é considerada por muitos como que exercida principalmente por mão de obra masculina. Na verdade, uma parcela significativa da mão de obra do setor cafeeiro é feminina, e as mulheres necessitam ganhar seu espaço e reconhecimento no mercado. A história demonstra que a conquista do reconhecimento do trabalho feminino tem sido árdua, mas gratificante (FERREIRA et al., 2017).

Existem algumas associações exclusivamente para mulheres produtoras de café. As mais conhecidas em Minas Gerais são a Aliança Internacional das Mulheres do Café - IWCA e

a Associação das Mulheres Empreendedoras do Café – Amecafé, ambas organizações sem fins lucrativos e que visa dar visibilidade às mulheres em toda a cadeia do negócio café.

A IWCA partiu de um grupo de norte-americanas envolvidas na indústria cafeeira durante uma visita às lavouras da Nicarágua em 2003. Com treze anos de história, já conta com a adesão de produtoras da própria Nicarágua, Guatemala, Costa Rica, El Salvador, República Dominicana, Colômbia e Burundi (localizado na parte central da África). Aqui no Brasil, a IWCA chegou em 2011 e já conta com mais de 100 membros. De acordo com o relatório anual do IWCA Brasil, já estão formalizados seis sub-capítulos: Sul de Minas, Matas de Minas, Mantiqueira, Cerrado Mineiro, Chapada Diamantina, Norte Pioneiro do Paraná e o subcapítulo São Paulo está se organizando.

Já a Amecafé é uma entidade social que, atualmente, congrega mais de 100 mulheres produtoras dos municípios de São Gonçalo do Sapucaí, Campanha, Cambuquira, Conceição do Rio Verde, Lambari, Heliadora, Pedralva, Cristina, Santa Rita do Sapucaí e Jesuânia. Como é uma organização de lavouras montanhosas, os processos de colheita e pós-colheita são manuais. O principal objetivo dessa associação é unir as pequenas produtoras para melhorar a qualidade de vida e produzir melhores cafés.

Falta muito. Agora que estão surgindo estudos de inclusão de gênero que tentam identificar o nível de participação feminina nas entidades. Ainda há ausência grande de um recorte de gênero na construção dos dados essenciais que privam a sociedade de conhecer a contribuição feminina para o setor. Você vai aos eventos e vê a construção das mesas que coordenam os eventos da área. É muito raro você ver uma mulher numa posição de maior destaque (GALERA, 2016, p.3).

As mulheres também estão encontrando satisfação em integrar cooperativas que contam com a participação de homens. Na qualidade de sócias ou empregadas, elas estão descobrindo cooperativas que se esforçam para promover o respeito mútuo e a igualdade de oportunidades. Entretanto, é preciso muito mais para se alcançar a igualdade de gênero.

Em todo o mundo, as mulheres estão escolhendo as cooperativas como resposta as suas necessidades econômicas e sociais – seja para alcançar aspirações empresariais, obter produtos e serviços que querem e necessitam, mas, acima de tudo, participar de uma empresa que se baseia em valores, em princípios éticos e proporcionam oportunidades de gerar investimentos. As mulheres estão descobrindo que as cooperativas representam opções atrativas.

As cooperativas também estão buscando entender melhor as necessidades das mulheres ligadas ao café e, através dessas associações ou por “selos” criados para identificar cafés produzidos por mulheres, fecham parcerias buscando ganhos para ambas as partes. Observa-se

que as cooperativas têm criado mecanismos para apoiar as mulheres em todas as áreas que encontram dificuldade, desde o plantio, com o apoio dos agrônomos, cursos de aperfeiçoamentos para classificadoras e gestoras além de atividades sobre empoderamento das mulheres, autonomia econômica, organização e o papel delas na agricultura familiar.

3 MATERIAS E MÉTODOS

A técnica escolhida para este trabalho foi a análise qualitativa, pois assim o objetivo de pesquisa determinado poderia ser melhor respondido. A pesquisa quantitativa não mostraria a mesma eficiência, porque a intenção era delimitar um campo de análise baseado nas singularidades das entrevistadas e não em um número generalizado de casos.

O presente estudo caracteriza-se como compreensivo e exploratório, pois o que se busca é a compreensão do fenômeno que, contudo, ainda não foi muito explorado no campo dos estudos organizacionais. A abordagem compreensiva diz respeito à “conexão de sentido, a compreensão, o mundo da vida, as ações e relações sociais, o indivíduo, a identidade, a alteridade, a subjetividade, os valores, os ideais, as fabulações” (IANNI, 2003, p. 21).

As entrevistas foram feitas individualmente, pois possibilita alcançar uma variedade de impressões e percepções que os sujeitos possuem em relação às variáveis de estudo. Conforme Richardson (1999, p. 160), “é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida”.

Foram entrevistadas sete mulheres de diferentes setores do agronegócio café, todas de Varginha. As entrevistas foram feitas através do envio de perguntas via e-mail e telefone, onde foi orientado para cada entrevista responder da maneira clara e objetiva possível. Conforme combinado com cada uma das entrevistadas, elas deveriam preencher os dados pessoais como nome, idade, cidade, cargo e local de trabalho, porém sem se preocupar com a divulgação dessas informações, afinal não é o objetivo deste trabalho.

Sendo assim, para melhor entendimento no decorrer da pesquisa, os nomes foram trocados pelos cargos de cada uma, ressaltando que todas são especialistas na sua área de atuação: AGRÔNOMA, BARISTA, CLASSIFICADORA, GESTORA, JORNALISTA, PESQUISADORA e PRODUTORA, sendo a GESTORA nomeado dessa forma, pois a entrevistada está ligada em novos projetos, exportação e relações internacionais em uma cooperativa da região.

Acredita-se que a pesquisa qualitativa é a mais adequada para esta investigação, visto que não existe nenhum trabalho falando de mulheres do café de diversos setores do segmento. É importante ressaltar que esse trabalho quer verificar a percepção dessas mulheres, suas visões dentro do universo de cada cargo/setor.

Todas as informações que constam neste trabalho são pessoais das entrevistadas. Ademais, será realizada pesquisa bibliográfica, ou seja, buscar, na literatura, existente o embasamento teórico para dissertar sobre o tema em questão e construir o estudo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para dar início à análise, foram levantadas as condições da vida das entrevistadas, como: idade, filhos, profissão, estado civil e escolaridade. Tais questionamentos servem para entender os contextos que foram vividos. Em seguida, foram abordados temas, como: primeiro contato com a cafeicultura e apoio familiar, como é o dia-a-dia no trabalho versus os trabalhos domésticos, questões de gênero, as opiniões em relação às associações de mulheres do café, as dificuldades que encontram no setor e suas expectativas para o futuro.

4.1 Dados pessoais

As mulheres entrevistadas estão inseridas em diferentes setores do agronegócio café, sendo: setor de classificação e degustação de café, área administrativa, engenharia agrônoma, pesquisa, comunicação, barismo e, também, na produção direta do café. A idade entre as entrevistadas é entre 24 até 50 anos. A maioria das entrevistadas possuem ensino superior. As percepções foram feitas durante o mês de agosto de 2019. (Tabela 1).

Tabela 1 - Cargo, idade, estado civil, quantidade de filhos e escolaridade.

Cargo	Idade	Estado Civil	Filhos	Superior
Agrônoma	28	Casada	Não	Superior
Barista	30	Solteira	Não	Superior
Classificadora	37	Casada	Sim	Ensino Médio
Jornalista	38	Casada	Sim	Superior
Pesquisadora	24	Solteira	Não	Superior
Gestora	31	Solteira	Não	Superior
Produtora	50	Casada	Sim	Ensino Médio

Fonte: autor

4.2 Primeiro contato com a cafeicultura

As sete entrevistadas tiveram contato com a cafeicultura quando eram crianças. Duas delas entraram na faculdade relacionada ao agro por influência da família e duas foram por oportunidade no mercado. Apenas uma teve que assumir por conta de sucessão familiar.

A CLASSIFICADORA começou ainda cedo quando ajudava sua mãe no plantio e na colheita de café. De acordo com ela, toda a família trabalhava na cafeicultura, porém ninguém possuía terras, eram apenas empregados das fazendas. Começou a trabalhar em uma cooperativa

em 2009 através da indicação de amigos. A cooperativa, por sua vez, não precisava de mão de obra qualificada, pois era um setor que dava a oportunidade de fazer cursos gratuitos e aprender sendo auxiliar de classificação, de acordo com a entrevistada.

No caso da JORNALISTA, o primeiro contato com a cafeicultura em 2012, quando começou a trabalhar no departamento de comunicação e marketing, em uma cooperativa de café. Foi através de um recrutamento que durou cinco meses, entre entrevistas e testes. Ela comenta que a cooperativa foi muito cautelosa não tinha um departamento de comunicação durante muitos anos, o que demorou na decisão da contratação. De acordo com a entrevistada, as decisões eram feitas através da reunião do conselho fiscal e administrativo.

Já a AGRÔNOMA e a PESQUISADORA convivem na cafeicultura desde que nasceram. São filhas de cafeicultores, mas nunca precisaram trabalhar na lavoura. Somente com a faculdade começaram a lidar com a essa cultura. Alegam que não foram obrigadas a trabalhar no ramo, mas que existe a influência da família através da paixão que todos tem pela cultura passada.

Decidi trabalhar com café no meu segundo ano de faculdade, em 2014, quando comecei a desenvolver projetos de pesquisa relacionados a cultura. Recebi muito apoio para me especializar na cultura do café tanto da parte dos familiares quanto dos profissionais da área (agrônomos e professores) mais próximos. (PESQUISADORA).

Um dos desafios em muitas empresas familiares, inclusive no campo, é a sucessão. De acordo com o Sebrae, apenas um terço dos empreendimentos chega à segunda geração e uma minoria passa para a terceira. Preparar os jovens que mostram interesse em dar continuidade aos negócios da família é um dos caminhos. A união entre família e negócios nem sempre foi fácil, mas é muito comum em todas as regiões do Brasil, passando entre gerações, os ideais empresariais se modificam, e por muitas vezes são descontinuados, seja por falta de preparo dos sucessores ou fatores externos. (SEBRAE, 2019)

No caso da GESTORA, apenas através de fotos e relatos de familiares soube que seu avô era cafeicultor, porém nem seu pai e nem seus tios quiseram continuar no ramo, terminando o ciclo da cultura da família na parte de produção. Hoje ela atua na área de relações internacionais e novos projetos.

Recebi uma proposta de emprego para trabalhar na BSCA (Brazil Specialty Coffee Association) como Relações Internacionais. Minhas atividades eram: organizar feiras e eventos no exterior, receber compradores internacionais e auxiliar no desenvolvimento de materiais para promoção dos cafés especiais brasileiros. Com esta oportunidade e vivenciando diversas experiências, não tinha como não me apaixonar pelo mundo do café. A partir de então, busquei cursos, certificações, eventos, tudo para aprender e me aperfeiçoar na área. (GESTORA)

A BARISTA começou a apreciar o café quando fez intercâmbio na Austrália. Dividiu quarto com uma jovem barista e através dela, teve interesse de conhecer mais sobre o café. De acordo com ela, nunca se interessou aqui no Brasil. Ninguém da família se interessa pela cultura, todos são da indústria automobilística.

A ideia era ficar um ano estudando línguas, porém no meio do caminho fiz o curso de barismo junto com a minha colega de quarto. Foi a melhor decisão que eu fiz. Em 2019 completei oito anos que estou trabalhando como barista em uma cafeteria de São Paulo e participando de concursos internacionais. (BARISTA)

A PRODUTORA além de ter toda sua família envolvida na cafeicultura, teve que assumir responsabilidades muito cedo, com a morte de seu pai. Desde criança vivia no meio da lavoura, porém nunca pensou em assumir esse papel de produtora. O que no começo foi um susto, hoje se tornou um dos grandes prazeres da vida dela e não se vê fazendo outro papel. Gosta de lidar com os colaboradores da fazenda e lida diretamente com a parte administrativa.

Com a morte prematura do meu pai aos 52 anos, fui obrigada a assumir a fazenda como parte da herança. Eu tinha 18 anos e foi tudo muito novo pra mim. Tinha ajuda de amigos, parentes, funcionários, a cooperativa me oferecia ajuda técnica, apoio na comercialização. Não sabia nada. Tive que aprender com as pessoas que me cercavam e repetir o que já era feito na fazenda. (PRODUTORA).

4.3 Vida profissional versus vida pessoal

Uma temática cada vez mais recorrente na atualidade diz respeito às questões relacionadas a gênero, destaque nas mais variadas áreas do conhecimento por diversos motivos, como a crescente inserção de mulheres no mercado de trabalho. Elas têm deixado, portanto, a dedicação exclusiva ao ambiente doméstico para ingressar no espaço público, resultado do maior acesso delas à educação, o que permite maior emancipação econômica e social. No Brasil, houve progressos, como o crescente acesso das mulheres ao ensino superior. No ano de 2009, por exemplo, cerca de 59% dos concluintes do ensino superior era do sexo feminino (COSTA, 2013).

Uma realidade enfrentada pela maioria das mulheres que estão no mercado é a dupla jornada trabalho. Segundo dados da PNAD de 2011, as mulheres dedicam quase três vezes mais tempo que os homens às tarefas domésticas (são 27,7 horas semanais contra 11,2)” (RANGEL, 2014, p.105). As mulheres, apesar da correria, conseguem conciliar as atividades domésticas

com atuação em diferentes setores da cafeicultura e muitas gostam de trabalhar para ter seu próprio dinheiro, ajudar em casa e porque se sentem bem.

Tal lógica implica no acúmulo de duas jornadas de trabalho (trabalho remunerado e trabalho doméstico/familiar) e torna mais difícil seu envolvimento com atividades outras. Com o acúmulo dos trabalhos remunerado e não remunerado, as mulheres não dispõem de tempo ou incentivo para se envolver em atividades sindicais, partidárias ou comunitárias. Por outro lado, os homens, por terem somente uma jornada de trabalho (trabalho remunerado), ficam livres para se dedicar a uma carreira política, e, portanto, ocupam com menos dificuldade que as mulheres cargos de direção e posições de poder (RANGEL, 2014, p. 104-105).

Uma pesquisa do IBGE, divulgada em abril de 2019, concluiu que a participação dos homens nas tarefas domésticas tem aumentado no Brasil. Mas, ainda assim, as mulheres trabalham quase o dobro do tempo dentro de casa. Das sete entrevistadas, duas encaram essa realidade (NETO, 2017).

A JORNALISTA é responsável por todo marketing e comunicação de uma cooperativa da região. Suas atividades mais importantes é a revista bimestral, onde aborda as principais informações e novidades, organização de todos os eventos institucionais, gerenciamento da equipe de mídias digitais, além de todo marketing estratégico da empresa junto à diretoria. De acordo com a JORNALISTA, ela consegue conciliar muito bem, pois ela não separa a vida pessoal da vida profissional. E acredita que a área em que atua, precisa que ela seja *full time*, mas isso não está ligado ao agronegócio e sim com a profissão que escolheu.

Meu marido entende bem minha carreira, pois também atua em uma área que precisa se doar muito. Meus filhos entendem, pois já os acostumei assim desde pequenos. Já com os afazeres domésticos, a minha mãe ajuda durante a semana fazendo almoço e cuidando dos meus filhos. Conto com a ajuda de diaristas para limpeza. (JORNALISTA)

A AGRÔNOMA realiza seu trabalho através de agendamento. Ela visita as lavouras dos produtores para analisar como está a situação do solo, os pés de café, verificar doenças e pragas, além de auxiliá-los quando e como fazer a adubação correta. Ela ganha seu salário através de quilômetro rodado e de comissões das vendas realizadas para esses produtores, tanto de insumos, fertilizantes, defensivos e maquinários. Na entrevista ela fala que deixa a maior parte dos afazeres de casa para os finais de semana, onde tem mais tempo disponível, além de contar com a ajuda de seu esposo na divisão das tarefas.

A BARISTA trabalha em uma renomada cafeteria de São Paulo e sua principal atividade é preparar um café de alta qualidade para os clientes. Ela cria cardápios com diversas bebidas à base do café, que pode conter bebida alcoólica ou não. A situação dela não é diferente da

agrônoma, já que mora junto com seu namorado há dois anos e conta que dividem as tarefas domésticas e despesas da casa igualmente. Ela acredita que para dar certo um relacionamento, deve ter a divisão de tudo o que for compartilhado o que inclui contas e tarefas cotidianas.

No trabalho a CLASSIFICADORA, dentro de suas funções técnicas, ela é capaz de, através dos sentidos: audição, visão, tato, olfato e gosto, de determinar a classificação da matéria prima e a qualidade da bebida do café que está sendo colocado no mercado para uso do consumidor. Ela conta com ajuda de seus familiares para conciliar família, casa e trabalho. Com dois filhos ainda pequenos, tem uma semana muito agitada, mas que no fim, consegue se sair muito bem sendo mãe, esposa e classificadora.

É tranquilo, pois quando vou para o trabalho, deixo as crianças na escola. No período da tarde, meu filho já trabalha como menor aprendiz e minha filha fica com minha mãe. Na saída do trabalho, levo os dois para casa junto comigo. Chego e preparo o jantar e ajudo as crianças nos deveres de casa. Na safra, que é um período que exige um pouco mais do meu tempo no trabalho, fica mais corrido, mas mesmo assim cumpro minhas tarefas e consigo ficar com meus filhos. (CLASSIFICADORA).

A participação feminina no mercado de trabalho e o número de mulheres com diploma de ensino superior também aumentou nos últimos anos, especialmente em áreas predominantemente masculinas, como a de engenharia, tecnologia e gestão.

A GESTORA é responsável pelos novos projetos em uma empresa. Ela participa junto com os diretores, do início de uma nova demanda para otimização da organização até a conclusão ou gerenciamento do projeto. “Quando o projeto se inicia eu faço toda a gestão para o cumprimento das metas já estipuladas.” comenta ela. Quando questionada sobre como lida com a vida pessoal e profissional, ela responde que por enquanto não precisa lidar com afazeres domésticos, já que mora com seus pais e não tem responsabilidade sobre a casa. Divide seu tempo entre trabalho e sua segunda graduação.

A PESQUISADORA também divide seu tempo entre trabalho e estudos. Conta com a ajuda de seus pais para os afazeres domésticos, e vê isso como um “benefício” na carreira, já que, livre dessa responsabilidade de casa, utiliza esse tempo para estudar línguas e fazer cursos para aperfeiçoar sua carreira.

Minha semana é dividida entre laboratório e experimentos de campo. Parte do dia passo em campo avaliando (doenças, enfolhamento, ramos...) e aplicando os tratamentos. Dos experimentos são coletados dados e materiais que são levados para análises em laboratório, além de confecção de laudos técnicos. Atualmente desenvolvo 5 protocolos de empresas com experimentos de campo e mais um projeto de mestrado com 3 experimentos (campo, laboratório e casa de vegetação). Uma rotina de no mínimo 8 horas de dedicação por dia (fora cursar disciplinas com aulas de uma hora e meia por dia). (PESQUISADORA)

4.4 Questões de gênero e dificuldades no setor

Gênero refere-se as diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres. Enquanto sexo define as diferenças anatômicas e fisiológicas entre masculino e feminino (GIDDENS, 2005). Para Boni (2011) existe três abordagens principais que explicam as diferenças entre sexo e gênero. A primeira, afirma que são os fatores biológicos que geram as diferenças entre os gêneros. A segunda abordagem é a de socialização do gênero, segundo a qual a criança ao nascer tem apenas o sexo biológico, mas seu desenvolvimento se dará através do gênero social. A terceira vê o sexo e o gênero como produtos socialmente construídos. “Não somente o gênero é uma criação puramente social, que carece de uma ‘essência’ estabelecida, mas o próprio corpo humano está sujeito a forças sociais que o moldam e alteram de várias formas” (GIDDENS, 2005: 106).

Conquistar um espaço no mercado de trabalho ainda é um desafio para as mulheres no mercado de trabalho. Os dados coletados, no entanto, mostram que o empoderamento delas está enfrentando esse cenário. Para as entrevistadas não existem facilidades no setor, porém as associações voltadas para as mulheres tem feito um “marketing” mostrando a realidade e o que precisam para continuarem a contribuir com a cafeicultura do país, o que tem atraído mais cooperativas, associações e compradores para ver de perto a vida das mulheres produtoras, consequentemente, a vida das mulheres de outros setores ligadas ao agro café.

O marketing que estão fazendo em cima do café das mulheres, estão abrindo mercado para nós. Temos que estar prontas para enfrentar a natureza, trabalhar de baixo de sol ou de chuva. Andar pelas lavouras, ter um pouco de conhecimento técnico e estar presentes no manejo diário da fazenda. (PRODUTORA).

Todas as entrevistadas ressaltam que, infelizmente, ainda existem dificuldades já que muitas áreas ainda gerenciadas exclusivamente por homens, mas acreditam que com um trabalho bem feito diariamente, muito estudo e dedicação será possível a abertura de mais portas para a mulher no setor e em qualquer outro segmento no mercado de trabalho. “Quando iniciei as atividades, o número de degustadoras de café era muito pequeno. Hoje já temos mais mulheres nesta profissão.”, aponta a CLASSIFICADORA.

Houve consideráveis avanços das conquistas femininas relativas à inserção da mulher em espaços considerados masculinos. Essas conquistas permitem à mulher ferramentas para se empoderarem e conseguirem lutar por maior autonomia (CORTEZ; SOUZA, 2008). A

GESTORA, percebe que está diminuindo a questão de gênero no segmento, mas o mercado de café ainda é predominantemente masculino, principalmente na área da produção e qualidade.

Para a PESQUISADORA essa questão é história e o que resta fazer é lutar diariamente para que isso seja revertido e somente através do trabalho isso vai ser obtido com sucesso.

Sempre há uma figura masculina na frente, mesmo a mulher ter participado de todas as etapas da cadeia produtiva do café. Essa visão de ser sempre o homem o responsável, está mudando, mas ainda existem muitas propriedades onde a mulher não tem papel de destaque, isso ocorre principalmente em propriedades em que os donos são mais velhos e que foi passada de pai para filho (PESQUISADORA)

De acordo com a AGRÔNOMA, além da questão de gênero, a maior dificuldade está relacionada à questão física, já que algumas atividades exigem força, como aplicação de tratamentos nos experimentos de campo, o que as vezes é pesado para uma mulher. “Quando há a necessidade de desenvolver atividades mais pesadas procuro dividir em etapas para aliviar o peso da atividade ou procuro combinar com funcionários da propriedade para fazer o serviço braçal.”, completa.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e corpo feminino e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros, principalmente, da divisão social de trabalho (BOURDIEU, 2002, p.20).

Quando foi perguntado se já escutaram ou passaram por discriminação de gênero, todas as entrevistadas disseram que sim. A PRODUTORA acredita que passou por isso somente quando assumiu a fazenda, onde funcionários demoraram a se adaptar em lidar com uma “patroa”, mas que atualmente não vê problema e sente domínio da situação. Já a GESTORA, passou por diversas situações em momentos de negociações com outros países que a cultura patriarcal é misógina e muito dominante. Além disso a GESTORA notou que o seu “superior” a tratava de forma diferente em relação aos outros colegas do sexo masculino, desde a postura até brincadeiras inapropriadas. A CLASSIFICADORA e a AGRÔNOMA, como dito anteriormente, disseram que sim, porém não quiseram entrar em detalhes.

A desigualdade de gênero está presente nos mais diversos setores da economia, como o da cafeicultura. A cadeia produtiva do café gera mais de 8 milhões de empregos no Brasil, conforme o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (BRASIL, 2017). A JORNALISTA comenta que ainda é um ambiente muito masculino e sempre há situações em que ter que ser até um pouco ríspida para não dar um duplo entendimento para alguns cooperados. Outra coisa é entregar um trabalho que atenda cooperados e dirigentes, o que soma milhares de

homens e mulheres, e nem sempre é possível e finaliza que “Pela profissão e pelas atividades que eu exerço, a maior dificuldade que eu tenho é ter que ser criativa além de toda a correria: casa, marido, filhos e trabalho.

A resposta da BARISTA foi totalmente diferente de todas as outras entrevistadas. Já recebeu elogios e comentários desnecessários de clientes, mas não acredita que seja por conta da profissão.

O mundo é machista. Alguns cargos antes eram ocupados apenas por homens o que faz alguns desses homens se assustarem com esse crescimento da mulher no mercado de trabalho. O barismo é muito alternativo, a turma é eclética, tenho essa vantagem. Sofro do machismo por ser mulher, não por ser barista. Então não tenho problemas de gênero no mercado de trabalho (BARISTA).

4.5 O papel das Associações na participação da mulher no agronegócio café

Como foi abordado no tópico 2.3 deste trabalho, as associações voltadas para mulheres do café, como a IWCA e a AMECAFÉ, estão cada vez mais fazendo a diferença e mostrando força no agronegócio café. Essas associações se posicionam como representante dessas mulheres em instâncias nacionais e internacionais, reforçando o importante papel delas no negócio do café a nível mundial.

Para a todas as entrevistadas as associações de mulheres do café têm sido muito importantes para todas as mulheres envolvidas na cadeia. Para a CLASSIFICADORA, mostra a união e a força da mulher seja qual for a profissão. A AGRÔNOMA completa que o apoio uma da outra é essencial para o fortalecimento e crescimento da mulher não só na cafeicultura, como também em outras culturas.

De acordo com o livro Mulheres do Café, é importante para valorização e destaque dos trabalhos realizado por mulheres na área, já que o mercado ainda é muito “masculino”. Apesar da sempre forte presença da mulher, elas sempre estiveram presentes apenas como coadjuvantes, em raras ocasiões como protagonista e tomadoras de decisões.

Como uma pessoa que apoia o movimento feminista, acredito na igualdade de gêneros, porém acredito que o momento é de “correremos atrás do prejuízo” e alcançar nosso espaço, até finalmente sermos reconhecidas apenas pelo talento e excelência no trabalho realizado em diferentes áreas do mercado de café (GESTORA).

A PRODUTORA acredita que essa questão do empoderamento das mulheres nos últimos anos e principalmente o avanço da mulher no agronegócio, criou esse nicho no mercado. “Trocamos os sapatos de salto pelas botinas e fomos à luta. Ocupamos nosso espaço.

Essas associações fazem um marketing enorme em cima disso. Temos que aproveitar.”, ressalta. Para ela, as mulheres são mais caprichosas e detalhistas que os homens, porém, mesmo assim, as mulheres precisam se consolidarem no mercado que é muito exigente, competitivo e que demanda eficiência e qualidade.

A BARISTA comenta que o mercado em que ela atua melhorou, mas está longe de ser bom. Muitos encaram como *hobby*, já que só em 2015 a profissão foi regulamentada.

Quando fiz o curso, eram doze homens e três mulheres. Nunca percebi discriminação por ser mulher. Acredito que seja pelo fato das pessoas que estão entrando nesse ramo, serem um público mais jovem e alternativo. Tenho amigas classificadoras que enfrentam alguns problemas no trabalho por serem mulheres. Acho que alguns homens têm seus espaços “roubados”, mas não no meu caso (BARISTA).

A PESQUISADORA acredita muitos cargos ou funções têm um difícil acesso por conta de diversos fatores como físico e familiar. A cultura de muitas empresas ou e até cooperativas tem muita influência na hora de contratar uma mulher, independentemente de ser competente ou não. Tem homens que se sentem ameaçados por mulheres e isso é comum nesse meio, ressalta ela.

É uma forma de valorizar o trabalho da mulher que muitas das vezes não é reconhecido, pois sempre há uma figura masculina na frente, mesmo a mulher ter participado de todas as etapas da cadeia produtiva do café. Essa visão de ser sempre o homem o responsável, está mudando, mas ainda existem muitas propriedades onde a mulher não tem papel de destaque, isso ocorre principalmente em propriedades em que os donos são mais velhos e que foi passada de pai para filho (PESQUISADORA).

Acho importantes essas associações, pois elas conseguem colocar em evidência mulheres que antes nunca seriam vistas no mercado. Acredito que o exterior tem valorizado muito mais que o nacional. O mercado pede apelo pela sustentabilidade social e o Brasil tem muito o que melhorar nesse quesito (JORNALISTA).

“Acho importante para valorização e destaque dos trabalhos realizado por mulheres na área do café. Apesar da forte presença da mulher na cafeicultura, elas sempre estiveram presentes apenas como coadjuvantes, em raras ocasiões como protagonista e tomadoras de decisões.” comenta a GESTORA.

4.6 Expectativas para o futuro

Segundo uma pesquisa realizada pela empresa Fran6 Pesquisa em parceria com a Associação Brasileira do Agronegócio (Abag) e divulgado no Congresso Nacional das

Mulheres do Agronegócio, 67% das mulheres do agronegócio brasileiro não sentem que o espaço dado a elas é igual ao dos homens e 71% delas já sentiram o machismo na lida rural. As mulheres também foram unânimes sobre a não necessidade dos homens se reafirmarem todo o tempo no trabalho, ao contrário de como se sentem as mulheres (GLOBO RURAL, 2016).

A CLASSIFICADORA fala que aos poucos as mulheres estão dominando todas as áreas do agronegócio café, desde o plantio até a venda do café. “Quando eu comecei como classificadora, tinham onze pessoas no setor, sendo apenas duas mulheres. Hoje isso mudou, ainda a maioria é homem, mas somos em sete mulheres em um grupo de dezoito homens.” comenta. Ela acredita que a mulher ainda está devagar, porém conquistando seu espaço com o respeito merecido.

A AGRÔNOMA diz que houve uma evolução grandiosa, mas que o preconceito ainda está forte. “Acredito que minha profissão para a mulher está melhorando cada dia, porém os produtores mais velhos ainda se sentem ‘preocupados’ quando são atendidos por uma mulher. É cultural.”. Para ela, o setor está crescendo e completa que a cafeicultura nunca foi tão valorizada como nos últimos anos, o que conseqüentemente atrairá mais amantes da cultura, tanto homens quanto mulheres.

A PRODUTORA acredita que a mulher está cada vez mais acrescentando no agronegócio no Brasil e isso vai aumentar cada ano que passar. A união com as associações está fazendo a diferença e isso vai contribuir muito no universo da cafeicultura.

A crescente presença feminina no agronegócio é inegável. Acredito que devido, até mesmo, a uma mudança cultural no nosso país e no mundo. Antigamente as mulheres eram incentivadas apenas a se formarem e estudarem apenas para se tornarem boas esposas e responsáveis pela educação dos filhos. Eram motivadas a ficar em casa e não participar dos negócios e finanças da família. A situação da família brasileira mudou, hoje, independente da classe social, os membros precisam participar da formação financeira, e com isso as mulheres foram aparecendo e conquistando seu espaço no mercado de trabalho. (GESTORA)

Para a PESQUISADORA, apesar de muitas mulheres já assumirem diversas responsabilidades, ainda são vistas como mais frágeis que os homens para determinadas atividades e acabam não tendo tantas oportunidades quanto eles. Para a AGRÔNOMA, no campo a mulher ainda tem um longo caminho pela frente em busca do devido reconhecimento, um exemplo disso é o meio em que estou, 90% das mulheres desenvolvem pesquisas mais laboratoriais e não com experimentos de campo devido a exigência de maior esforço físico destes. Outra questão é que muitas propriedades ainda preferem a assistência técnica de um homem e não da mulher, creio que isso seja cultural e que vai mudar aos poucos, pois muitas

mulheres estão provando que conseguem desenvolver igual ou melhor as atividades, uma vez que a única exigência é o conhecimento, completa a AGRÔNOMA.

A BARISTA diz que se sente feliz com tudo o que está acontecendo no segmento e que acredita que grandes nomes de mulheres do café serão revelados e reconhecidos no Brasil e no mundo. “Estamos escrevendo nossa história.” completa.

“É uma caminhada muito longo e difícil.”, comenta a JORNALISTA em relação à questão de gênero. Ela acredita que há boas intenções com tudo o que está acontecendo no mercado do café para as mulheres, mas que machismo ainda as reprimem muito. Ela comenta que conhece muitas mulheres dirigentes nesse universo, e observa que a maioria são mulheres que são vistas como duras e frias. Isso pelo fato de terem que se impor de uma forma mais firme quando lidam com situações do trabalho e acabam sendo interpretadas de forma errônea.

5 UMA SÍNTESE SOBRE AS MULHERES DO CAFÉ: a visão da autora deste trabalho

O protagonismo das mulheres reflete a diversidade da atuação feminina em campo. Antes vistas meramente como ajudantes, as trabalhadoras têm se destacado em diferentes etapas do processo produtivo de alimentos, como o café, e outras atividades relacionadas à geração de renda e desenvolvimento econômico social no campo. É possível observar que o crescimento das mulheres do café é notado não só no Brasil, mas também em outros países exportadores e consumidores de café. As associações voltadas para esse público têm ajudando na visibilidade, não só apenas, da mulher no campo, mas também das mulheres de vários outros setores do agronegócio café, como baristas, pesquisadoras, agrônomas e cargos da área administrativa, industrial e comercial.

É inegável o avanço das mulheres no campo. Embora o papel que desempenham sempre tenha sido muito importante, somente em décadas recentes elas têm conquistado o reconhecimento que merecem. Em um setor com constantes mudanças e evoluções, as mulheres exercem uma função fundamental.

Muitas cooperativas, empresas e até eventos ligados à cafeicultura observam esse crescimento, e viram que além ajudar com essa visibilidade do café feito por mãos femininas, a oportunidade de apoiar incluindo na sustentabilidade da empresa, além de aumento de lucratividade, já que esses cafés são na maioria têm um ágio em cima da compra. Infelizmente, por conta desse valor a mais, muitos proprietários colocam suas esposas como associadas para vender o café acima do valor.

Nota-se que esse empoderamento feminino não é uma “moda” para universo do café. Por mais que tenham pessoas interessadas em apenas fins lucrativos e marketing, existem pessoas, tanto homens quanto mulheres, realmente querendo fazer a mudança no cenário do agronegócio café, buscando mais oportunidades e crescimento mútuo para todos da cadeia.

Todas as entrevistadas deste trabalho estão inseridas no “universo do café” por paixão. Nota-se que todas querem ganhar seu espaço no mercado de trabalho através de muito estudo e trabalho e assim serem reconhecidas. Cada dia que passa, mais mulheres estão tomando a frente desse mercado era totalmente masculino e construindo sua história na cafeicultura.

E essa paixão pelo café está crescendo cada vez mais e ganhando força entre o público mais jovem, este por sua vez está se aprimorando. Os cursos técnicos e superiores ligados ao agro antes eram frequentados pela maioria das vezes apenas por homens, hoje é possível ver nas faculdades as salas de aula com um público misto. Nesse contexto, as mulheres estão

buscando mais conhecimento e aperfeiçoamento. Além disso, elas estão mais abertas à inovação a fim de aprimorar os resultados do negócio.

As mulheres parecem trabalhar para buscar algo mais do que dinheiro. Elas querem recompensas não apenas financeiras, mas também "intrínsecas", tais como: satisfação, bem-estar e sensação de colaborar com algo importante, por exemplo, ter o próprio dinheiro para comprar o que desejam ou investir em algo novo.

A busca constante por aprimoramento e qualidade é marca dessas mulheres, que são exemplo de determinação. Ainda tem uma longa caminhada para a mulher ter os mesmos direitos e serem valorizadas no mundo do agronegócio café mesmo com esses consideráveis avanços de conquistas femininas que permitem à mulher se empoderarem e conseguirem lutar por maior autonomia. Entre desafios e lutas, essas mulheres demonstram sua força e determinação em busca da realização de sonhos e do reconhecimento. Elas seguem em busca de aprendizado e crescimento nos negócios.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse Trabalho de Conclusão de Curso analisou a percepção de mulheres de alguns vários setores do agronegócio café, como elas encaram as dificuldades e questões de gênero no setor, as opiniões em relação à participação em associações, e suas expectativas para o futuro.

Nota-se o empoderamento e como estão contribuindo para o desenvolvimento da cafeicultura através de seu trabalho em lavouras, cooperativas, na da educação e em associações para mulheres. É observado a paixão pela cultura do café por todas as entrevistadas. Todas não conseguem se imaginar fazendo outra coisa que não seja lidar com a cafeicultura de alguma forma.

Foi possível concluir que o fortalecimento feminino na cafeicultura está cada vez mais forte, mesmo com a dupla jornada de trabalho, que é um dilema para muitas, afinal, a maioria das entrevistadas após o expediente ainda continuam a trabalhar em seus serviços domésticos e cuidados com a família. Outras, dividem o tempo com os estudos e aprimoramento para o trabalho e vida pessoal.

Não só na lavoura, as mulheres ligadas ao agro café estão dispostas a cada vez mais lutarem por seu espaço nesse mercado. É notório a paixão pela cultura do café e seus interesses em crescer e desenvolver maior conhecimento, cada uma com sua área específica.

Foi importante o apoio de associações de mulheres do café que visam fortalecer o poder feminino no café, através de palestras, treinamentos, visibilidade para o mercado interno e principalmente externo, sendo este último o de maior foco para as associadas. Além das associações, muitas cooperativas tem apoiado a causa e, por conta da maior visibilidade da mulher no campo, têm atraído muitos comprados para fazer negócios diretamente com as cooperadas que participam dessas associações. Isso mostra através do ágio que muitos compradores pagam por serem mulheres produtoras, ou seja, existe um valor agregado quando o mercado entende que aquele café foi produzido por mãos femininas.

Apesar da maioria dos cargos no agronegócio café serem ocupados por homens, as mulheres entrevistadas estão otimistas em relação ao avanço feminino no mercado. Ainda há preconceito de gênero por parte da sociedade, mas que não as deixam de lutar e correr atrás de seus direitos. As mulheres envolvidas na cafeicultura são exemplos para outras mulheres a permanecerem ou inserirem, nos diversos setores da cadeia produtiva do café.

Como todos os setores, a luta ainda é grande para a igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho, e todas as entrevistadas estão dispostas a conquistar seu espaço com muito estudo, foco e união entre todas do agronegócio café. A representatividade feminina no

agronegócio se fortalece a cada dia e tem trazido benefícios em todas as etapas do ciclo produtivo.

REFERÊNCIAS

- ABAG. **Todas as mulheres do Agronegócio 2017**. Disponível em: <<http://www.abag.com.br/media/files/sumario-pesquisa-mulheres-do-agro-2017-compressed.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2019.
- ABIC. **Tendências do mercado de café**. Relatório customizado preparado pelo Euromonitor International para Associação Brasileira da Indústria de Café. Novembro de 2015.
- AFP. **Desvantagens de mulheres no mercado de trabalho vão além do salário**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/carreira/desvantagens-de-mulheres-no-mercado-de-trabalho-vao-alem-do-salario/>>. Acesso em: 27 ago. 2019.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BESSA, Karla Adriana Martins. **Papel da mulher na sociedade ao longo da história**. São Paulo: companhia das letras, 1996.
- BETIOL, M. I. S. O feminino: **alteridade e identidade frente ao sistema e mundo da vida**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.
- BLAY, Eva A. Gênero e políticas públicas ou sociedade civil, gênero e relações de poder. In: SILVA, Alcione L.; LAGO, Mara C. S.; RAMOS, Tânia R. O. (Org.). **Falas de gênero: teorias, análises, leituras**. Florianópolis: Editora Mulheres, p. 133-145, 1999.
- BONI, V. **Gênero: o doméstico e o produtivo na agroindústria familiar**. Disponível em: www.alasru.org/wp-content/uploads/2011/06/01-GT-Valdete-Boni.doc. Acessado em 27 ago. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRASIL. Ministério Da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Café no Brasil**. Brasília, DF, 30 jan. 2017. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politicaagricola/cafe/cafeicultura-brasileira>>. Acesso em: 27 ago. 2019.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Secretaria de Política Agrícola – SPA; Departamento de Crédito, Recursos e Riscos – DCRR. **Informes estatísticos 86 do café**. Janeiro de 2016. Disponível em: <[sapc.www.embrapa.br](http://sapc.www.embrapa.br/Informes_Estatisticos_de_Cafe_-_Fevereiro_2016) > <[Informes_Estatisticos_de_Cafe_-_Fevereiro_2016](http://sapc.www.embrapa.br/Informes_Estatisticos_de_Cafe_-_Fevereiro_2016)>. Acesso em: 24 mai. 2019.
- BUTLER, J. Problemas de gênero: **feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.
- CARVALHO, Rutineia Oliveira. **Sociedade, mulher e profissão**. *Revista de Gestão e Secretariado* - GeSec, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 01-26, jan./abr. 2016.
- CASTILHO, C. B. de.; SCHNEIDER, S. Gênero, trabalho rural e pluriatividade. In SCOTT, P.;

CORDEIRO, R.; MENEZES, M. **Gênero e geração em Contextos Rurais**. 2010. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.

CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa; ANDRADE, Berlano Bênis França de; RODRIGUES, Victor. **Mulheres e trabalho na agricultura de exportação: questões atuais**. Revista Antropológicas, ano 16, volume 23(1), 2012.

CEPEA. **Mulheres no Agronegócio**. 1 ed. Piracicaba. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Mulheres%20no%20agro_FINAL.pdf> Acesso em: 10 ago. 2019.

CONAB. **Indicadores da agropecuária 06-2018**. Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/info-agro/precos/revista-indicadores-da-agropecuaria/item/9271-indicadores-da-agropecuaria-06-2018>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

COSTA, A. O. Felizes contentes e feministas. In: VENTURI, G.; GODINHO, T. (Org.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: Fundação Perseu: Abramo, 2013. p. 37-46.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERREIRA, Williams Pinto Marques et al. In: ARZABE Cristina. **Mulheres dos cafés no Brasil**. Brasília: Embrapa, 2017. p. 20-34.

GALERA, Vinicius. Vida dedicada ao café. Raça Forte. **Revista Globo Rural**. 01 de julho de 2016. Disponível em <<http://revistagloborural.globo.com/Raca-Forte/noticia/2016/07/vida-dedica-ao-cafe.html>> Acessado em 15 ago. 2019.

GANDRA, Alana. **IBGE: mulheres ganham menos que homens mesmo sendo maioria com ensino superior**. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/ibge-mulheres-ganham-menos-que-homens-mesmo-sendo-maioria-com-ensino-superior>> Acesso em: 27 set. 2019.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegre: Virgínia Aita. 4.ed. 2005, p. 101-127.

GIL, Carlos Antônio. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**. 1. ed. Estoril: Príncipia Editora, 2006.

IBGE. Censo Agropecuária 2017: **Gêneros dos produtores**. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/pdf/genero.pdf> Acesso em: 10 ago. 2019.

IBGE. Censo Agropecuária 2017: **Minas Gerais**. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/pdf/mg.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

IANNI, Otávio. Apresentação. In LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. 10. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MACIEIRA, Josiane Cotrim. In ARZABE, Cristina. **Mulheres dos cafés no Brasil**. Brasília: Embrapa, 2017. p. 13-14

MADALOZZO, MARTINS SHIRATORI. **Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres doméstico: homens e mulheres têm condições iguais?**. Estudos Feministas, 2010. Florianópolis.

NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013.

NETO, João. **Mulheres dedicam quase o dobro do tempo dos homens em tarefas domésticas**. Estatísticas Sociais. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens-em-tarefas-domesticas>>. Acesso em: 10 set. 2019.

OIT. **Lacunas de gênero persistentes no trabalho exigem a adoção de medidas transformadoras na América Latina e no Caribe**. Disponível em: <http://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_716777/lang--pt/index.htm>. Acesso em: 10 ago. 2019.

RIBEIRO, P. S. **O papel da mulher na sociedade**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/o-papel-mulher-na-sociedade.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

SEBRAE. **Como planejar a sucessão familiar**. 2019. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ap/artigos/como-planejar-a-sucessao-familiar>>. Acesso em 18 nov. 2019.>

SANTOS, F. F.; GARCIA, M. F. **A luta da mulher pela igualdade no campo: contradições e tensões no sistema capitalista**. Revista Interface, n. 10, p. 296-303, dez. 2015.

SOUZA, Gabrielly Lara Rocha de. **Mulheres no Agronegócio e suas perspectivas para o futuro**. Instituto Agro. Disponível em: <<https://institutoagro.com.br/mulheres-no-agronegocio/>>. Acesso em: 18 set. 2019.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

VINHAS, José Ney. **Cresce número de mulheres que desempenham funções na agropecuária**. Compre rural. Disponível em: <<http://www.comprerural.com/mulheres-em-alta-cresce-o-numero-de-mulheres-que-desempenham-funcoes-na-agropecuaria/>> Acesso em: 18 set. 2019.

ANEXO OU APÊNDICES

Questionário

- a) Nome
 - b) Idade
 - c) Estado civil
 - d) Número de filhos
 - e) Escolaridade/Formação
 - f) Cargo
 - g) Área de trabalho
1. Conte a sua trajetória de vida pessoal e profissional, até chegar onde você está hoje.
 2. (Tente pensar em uma linha do tempo para me contar sua trajetória)
 3. Por que você entrou no segmento do café?
 4. Conte-me do seu trabalho (cotidiano, funções, especificidade, horários, relacionamento com colegas)
 5. Como você se sente no ramo?
 6. Quais são os desafios que você possui trabalhando com a cafeicultura? E as dificuldades? Facilidades?
 7. Quais são suas perspectivas em relação ao seu trabalho?
 8. Como você concilia vida pessoal e profissional?
 9. O que são relações de gênero para você?
 10. Você conhece alguma instituição, órgão ou pesquisa que discuta sobre relações de gênero no café? Qual? Você faz parte de alguma?
 11. Quais suas visões sobre a mulher que trabalha na cafeicultura? (inserção, tipos de trabalho, remuneração, perspectivas futuras)
 12. Você tem mais alguma coisa a acrescentar?